

NUMA TOCA NO CHÃO VIVIA UM HOBBIT: UM OLHAR SOBRE O LUGAR EM “O HOBBIT” DE J. R. R. TOLKIEN

In a hole in the ground there lived a hobbit: an eye at the place in “The hobbit” by J. R. R. Tolkien

Francyjonison Custodio do Nascimento¹

RESUMO

A abordagem cultural da Geografia, ao privilegiar a mediação do conhecimento por meio de dados culturais e o Humanismo, elegeu a experiência, a subjetividade e os sentimentos humanos como elementos dos estudos geográficos; não os resumindo a meros inventários de coisas sobre o espaço. Assim, a Literatura ganhou mais destaque nas análises geográficas. Partindo disso, objetivou-se analisar, a luz da abordagem cultural da Geografia, como a categoria lugar está inserida em “O hobbit” de J.R.R. Tolkien, uma obra pertencente ao gênero da Literatura Fantástica. Para tanto, fez-se uso de levantamentos bibliográficos com um arcabouço teórico que compõe as discussões a respeito das interrelações entre a abordagem cultural da Geografia e a Literatura bem como sobre o lugar e noções satélites. Conclui-se que a literatura tolkieniana elucidada uma ideia de lugar como espaço permeado e imbuído pelo sentimento, sendo este gerado através de experiência; tendo na figura da toca hobbit o lugar por excelência.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Lugar.

ABSTRACT

The cultural approach in Geography, to give priority to the mediation of knowledge by means of cultural data and the Humanism, chose the experience, subjectivity and human sentiments as elements of geographical studies; not summarizing them to inventories of things on the space. Therefore, the Literature has gained more prominence in geographic analysis. Leaving it, it was aimed to analyze, taking as a basis the cultural approach in Geography, such as the category place is entered in “The hobbit” by Tolkien, book considered as belonging to the genre of Fantastic Literature. For both, became use of bibliographic surveys with a theoretical framework that composes the discussions about the interrelationships between the Geography and Literature as well as about the place and notions related to the concept of place. It is concluded that Tolkien’s literature elucidates an idea of place as space imbued with the feeling, which is generated through experience; having the figure of hole-hobbit the place lofty.

Key-words: Geography. Literature. Place.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). jonisoncustodio@hotmail.com
✉ Avenida Salgado Filho, s/n, Campus Universitário, Natal, RN. 59078-970.



Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
 Francynonison Custodio do Nascimento

INTRODUÇÃO

A Geografia tem, no decorrer das décadas, aproximado cada vez mais suas abordagens de outras formas do saber como a Religião e a Arte. A abordagem cultural na Geografia, outrossim, preza por essa aproximação por pensar que toda compreensão dos aspectos geográficos é apreendida por palavras e/ou imagens, ou seja, por uma mediação cultural. Essa abordagem, na qual o homem foi colocado no centro, fez com que os geógrafos estudassem as atividades humanas; fazendo uma Geografia mais antropocêntrica – mas, ainda assim, uma Geografia – que valoriza a experiência, a subjetividade e os sentimentos humanos.

Neste sentido, a Literatura ganhou e vem ganhando forças dentro dos estudos geográficos; renovando, assim, uma relação antiga. Contudo, essas investigações têm, de certo modo, privilegiado as ditas literaturas regionais, que enfatizam, dos pampas gaúchos ao sertão nordestino, o mundo rural e seus cenários ou o espaço citadino. Urge, então, investigar os conceitos analíticos da Geografia presentes em outras formas de literatura. Propõe-se nesse artigo, portanto, o estudo do lugar na literatura fantástica, considerando esta última – e todas as outras formas de literaturas – como representação do espaço e manifestação das experiências humanas, apesar de narrarem estórias de mundos insólitos; universos que diferem da realidade, mas com fortes relações com ela. Para essa investigação, faz-se uso de “O hobbit” de J.R.R Tolkien.

Dentre os motivos que justificam a realização desse trabalho, há o reconhecimento da dimensão espacial da Literatura; o interesse em entender como o texto trazia elementos geográficos (cenários geopolíticos, paisagens, relevo, entre outros).

Outra justificativa/motivação é a possibilidade e a pertinência de analisar, na pós-modernidade - um período em que, teoricamente,

todas as coisas são consideradas efêmeras - relações com e no espaço que insistem em perdurar, o lugar. Usando, para isso, um livro que recentemente foi adaptado ao Cinema, mas que teve sua criação no início do século XX, indo de encontro com a padronização imposta pelas realidades da sociedade pós-industrial, que incentivava a vida urbana e seus serviços bem como a desestruturação do tempo e do espaço, ou seja, ter um mesmo modo de vida independentemente do contexto espacial.

Em vista disso, objetiva-se construir uma análise da categoria lugar e sua inserção na obra “O hobbit”, a luz da Geografia Cultural, enfatizando as relações com a toca hobbit. Para tanto, buscou-se caracterizar e entender o lugar na obra bem como identificar os elementos da obra (imagens e textos) que elucidam a relação afetiva do personagem principal, Bilbo Bolseiro, na subjetivação dos espaços. Esse trabalho foi construído a partir de duas bases metodológicas. Primeiramente, utilizou-se levantamento bibliográfico sobre as temáticas em questão. Posteriormente, fez-se, numa perspectiva hermenêutica vinculada a Geografia Humanista, uma análise de trechos da obra “O hobbit”, sobretudo aqueles referentes a toca hobbit.

Para o melhor entendimento, é necessário discorrer sobre a obra. Esta, aliás, é um romance de fantasia, episódico e com narrador onisciente. O livro narra a estória de um hobbit chamado Bilbo Bolseiro, uma pequena criatura que é convidada por um mago, Gandalf, o Cinzento, para uma aventura numa comitiva que, além deles, continha 13 anões: Thorin, Dwalin, Balin, Bombur, Bifur, Bofur, Nori, Ori, Dori, Oin, Gloin, Fili e Kili. Bilbo deveria deixar sua casa – uma toca hobbit – no tranquilo e bucólico Condado, região que fica a oeste da Terra-Média (um continente do mundo fantástico onde a história se passa).

Ao longo da jornada, ele é obrigado a atravessar rios, vales, florestas e montanhas até chegar em Erebor, a Montanha Solitária, a fétida e

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

escura morada do Dragão Smaug que, por sua vez, guarda o tesouro da família dos anões que outrora tinha sido roubado pelo dragão. Bilbo, depois de roubar, juntamente com os anões, o tesouro e testemunhar uma guerra motivada pelo tesouro em Erebor, faz o caminho de volta para casa.

Nessa viagem, Bilbo e os outros membros da comitiva passam por diversos lugares, conhecendo animais falantes e outras raças habitantes da Terra-Média, além de criar e manifestar afetividades para com o espaço vivenciado ao categorizá-los em perigosos e seguros. Assim sendo, reconhecendo a obra como portadora de uma dimensão espacial, nota-se o sentimento pelo espaço vivenciado. Isso se manifesta na preferência dos personagens por áreas bucólicas, campestres enquanto os espaços enegrecidos pela fumaça e rico em rochas são preteridos, causadores de horror. Contudo, não focalizar-se-á os trechos da viagem de Bilbo, mas, ao contrário, os que o hobbit se encontra em sua casa ou os que se refere a ela.

GEOGRAFIA E LITERATURA: ESPAÇO E REPRESENTAÇÃO

Antes de qualquer discussão teórica sobre a interseção entre a Geografia e a Literatura, é preciso traçar alguns apontamentos sobre a Ciência Geográfica e, mais precisamente, sobre a Geografia Humanista e Cultural. Mas, assim como Gomes (2010), entende-se que é necessário, antes de discutir sobre a Geografia Humanista, compreender-se o que é Humanismo. Para ele, Humanismo é uma enorme diversidade de ideias e concepções, das mais variadas ciências, que se apresentam com o mesmo nome.

Na Geografia, essa corrente se caracteriza, na visão do autor, por um ecletismo, uma ausência de um programa unitário com a busca de referências variadas. Essa busca, entretanto, pode ocasionar propostas

ambíguas e contradições no seio da ciência geográfica. Dessa forma, elucida Gomes (2010), existem vários humanismos. Estes são fundados sobre pressupostos divergentes, numa inexistência de unidade no que se refere ao plano filosófico-metodológico. Contudo, alerta o autor, há um movimento geral que é coerente e integrado.

Essa integração se revela no ponto de vista crítico em relação a ciência em sua forma institucionalizada. Para os geógrafos humanistas, explica Gomes (2010), a forma e o conteúdo da Geografia praticada, antes da década de 1970, eram inadequados devido “às explicações mecanicistas, deterministas, reducionistas, de uma geografia sem homem” (POCOCK, 1984 apud GOMES, 2010, p.305).

Se havia consenso na crítica ao fazer da Geografia, na escolha de um novo modelo, porém, esse consenso não existia. O espaço, por exemplo, ganhou várias concepções ao mesmo tempo: resultado concreto de um processo histórico; uma construção simbólica que associa sentidos e ideias; entre outras concepções. O espaço, então, passou a ser visto como o espaço dos valores, da alienação, da distância existencial, do comportamento e do mundo vivido. Desse modo, a Geografia Humanista herda as divisões advindas do humanismo e, também, suas características. Gomes (2010) aponta quatro características principais da Geografia humanista: a visão antropocêntrica do saber, a posição epistemológica holística, a visão do homem como produtor da cultura e a negação do método lógico-positivista.

A primeira delas, a visão antropocêntrica do saber, ocasiona a subjetividade do saber. Assim sendo, o espaço não pode ser compreendido através da objetivação de uma ciência racionalista, pois ele é sempre carregado de significações variadas e não se reduz a medidas numéricas. O espaço, aliás, é frequentemente substituído pela palavra “lugar”, evidenciando a concepção do espaço integrado com seus valores. A segunda, a posição epistemológica holística,

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

está baseada na visão da totalidade, a qual pensa que, partindo-se de uma visão antropocêntrica, a ação humana não pode se separar de seu contexto, seja ele social e/ou físico. A terceira, por sua vez, está fundada na concepção que enxerga o homem como produtor da cultura – compreendida no sentido de atribuição de valores às coisas que cercam os homens. Esta última, assim, só pode ser interpretada a partir do código daqueles que a criaram e que enxerga a generalização e homogeneização como um condutor de uma relativa perda dos contextos particulares. A quarta característica é de cunho metodológico e implica na negação do método lógico-positivista e analítico que trabalha com abstrações artificiais e na busca por um procedimento que abarque os contextos próprios e específicos a cada fenômeno, a hermenêutica. O geógrafo, então, deve se colocar na posição de observador, alguém capaz de interpretar.

Além dessas quatro características, Gomes (2010) aborda pequenas nuances da Geografia Humanista. Ele cita a busca por um “apadrinhamento” no passado e a conseqüente escolha do nome de Eric Dardel. O autor aponta, ainda, a relação entre a arte e a ciência como uma última característica em comum para a maior parte dos geógrafos humanistas.

Assim sendo, a Arte é primordial, pois ela é agente nas interpretações das culturas em sua inscrição espacial, auxiliando o geógrafo a ser capaz de reunir o maior número de elementos no que se refere a valores e significações. Ou, nas palavras do autor, “aquilo que a ciência não chega reconhecer, devido aos limites impostos pelo método, a arte o consegue por um meio não-racional” (GOMES, 2010, p.314). Desse modo, a Arte faria aquilo que a Ciência não conseguiria fazer: ser elemento de mediação entre a vida e o universo das representações. O autor, ainda, comenta que, apesar da invocação da palavra “arte”, é, efetivamente, a arte literária a menina dos olhos dos geógrafos

humanistas. Seria, portanto, a Literatura o elo entre o universo simbólico e as interpretações geográficas.

Essas características – o antropocentrismo, o retorno às fontes da Geografia, a valorização da cultura e a refutação do racionalismo positivista – são inerentes ao discurso dos geógrafos alinhados a Geografia Humanista (GOMES, 2010). Seguindo este mesmo raciocínio, o autor alerta para as variedades de vertentes na Geografia Humanista e para a questão da delicadeza na ação de efetuar uma divisão nesse campo devido a fluidez entre os limites entre as orientações, demarcados por linhas tênues.

Apesar disso, Gomes (2010) esboça uma divisão da Geografia Humanista em duas matrizes ao invés de tendências particulares. São elas: o estudo do espaço vivido e a abordagem fenomenológica da Geografia. A primeira delas é fundada no Psicologismo cultural e pela semiologia. Iniciada na França essa tendência se baseou na bibliografia da Escola Francesa de Geografia assim como nos seus suportes, principalmente em Paul Vidal La Blache e Pierre Deffontaines. Ademais, essa matriz se voltou para às redes de valores e de significações materiais e afetivas, partindo da singularidade e individualidade dos espaços estudados. Contudo sua crítica à visão racionalista não propunha o fim desta última.

No que se refere a sua relação com a Psicologia, o estudo do espaço vivido rejeita o Behaviorismo e seu esquema de estímulos e respostas. Ela, todavia valoriza a Psicologia Genética e a Psicanálise, pois “o humanismo, que contextualiza todas as coisas a partir da cultura, é obrigado, também, a interrogar-se sobre a natureza dos fenômenos da personalidade e do comportamento” (GOMES, 2010, p.321).

Assim sendo, o estudo do espaço vivido, na Geografia Humanista, investiga as representações de ordem simbólica que, por sua vez, dão bases uma atitude e uma concepção em relação a um espaço

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

de referência. Essa atitude e essa concepção não estão vinculadas à racionalidade e deriva daí o uso do método de interpretação.

A segunda matriz abordada por Gomes (2010), a abordagem fenomenológica, possui inúmeras características similares à primeira matriz, o estudo do espaço vivido. Entre essas semelhanças está a revalorização do lugar como conceito-chave. Contudo, há algumas diferenças e a principal dela é a busca por uma legitimidade que, por sua vez, se exprime pela labuta de colocar, lado a lado, o discurso geográfico e as bases da fenomenologia.

E o início dessa labuta se dá primeiramente através dos geógrafos Yi-Fu Tuan e Edward Relph, durante os anos de 1970, apesar dos esforços anteriores de Carl Sauer. Aqueles, partindo da crítica da ciência objetiva, reconfiguram a Geografia, dando-a uma nova dimensão por meio da perspectiva fenomenológica e focalizando a utilidade do fato cultural assim como a experiência. Essa nova visão negava a concepção do espaço newtoniano, o espaço do geômetra e propunha o espaço vivido. Assim, o espaço não seria um mero recipiente no qual os objetos físicos e eventos recebem um lugar (BUTTNER, 1982). Não se pode, nessa abordagem geográfica, conceber o espaço como um tabuleiro em que se deposite objetos; pois os espaços

não são vazios abandonadas aos quais se atribuem, por vezes, qualidades e significados, mas são contextos necessários e significantes de todas as nossas ações e proezas. Então o espaço não é euclidiano ou alguma outra superfície ou forma geométrica, na qual nos movimentamos e que percebemos como separadas de nós (RELPH, 1979, p. 8).

Assim, o espaço não pode ser compreendido apenas através da observação e medição. Ele deve, pelo contrário, ser vivido para ser compreendido como realmente é. Assim, valoriza-se a noção fenomenológica de mundo vivido e, conseqüentemente, as experiências com o espaço e sua intersubjetividade.

Carl Sauer é, apenas, lembrado como precursor de uma matriz geográfica quando os estudos se voltam para o termo Geografia Cultural. Para Berdoulay (2012), foi esse geógrafo norte americano, juntamente com o movimento denominado “Escola de Berkeley”, o primeiro a ter peso no que concerne a ideia de Geografia Cultural. Numa resposta a Geografia produzida pela Universidade de Chicago, Sauer, por volta de 1925, procurava promover uma Geografia que não se perdesse no economismo e tampouco no determinismo ambiental. Assim, ele insistia no “papel do homem, seus valores, atitudes e crenças na modificação do espaço terrestre [...]” (BERDOULAY, 2012, p. 107).

Dessa forma, Carl Sauer e seus alunos abriram as portas da Geografia para uma variedade de temas além de impulsionarem a abordagem humanista na Geografia. Contudo, eles foram criticados por não aderirem a uma teoria particular de cultura. Essa crítica, porém, não tolheu a Geografia que nascera com a Escola de Berkeley; pelo contrário, ela ganhou campo com a pós-modernidade tanto com os neomarxistas e suas vozes contra-hegemônicas como com os que se definem participantes de uma “abordagem cultural da Geografia”.

No entanto, para Zanatta (2008), a introdução do termo “cultura” na Geografia é mais antiga que as intervenções de Carl Sauer. Para a autora, essa introdução deve-se a Friedrich Ratzel, um geógrafo alemão do século XIX, e suas análises, apoiadas na etnografia, sobre os fundamentos culturais da diversidade das repartições dos homens e das civilizações. O fato que ocasionou o esquecimento do nome de Ratzel deve-se, na visão de Zanatta (2008), aos seus seguidores que negligenciaram os estudos culturais desse geógrafo alemão.

Dessa forma, a cultura e suas implicações geográficas não nascem no século XX com a Escola de Berkeley, mas tem sua gênese imbricada com a sistematização da Geografia enquanto ciência. Assim sendo, se essa sistematização provocou embates teóricos entre a Geografia

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

de origem alemã e a de origem francesa, com a Geografia Cultural não foi diferente. Se Ratzel deu o pontapé inicial para as discussões geográficas sobre cultura, Vidal de La Blache deu seguimento a essas discussões pela Geografia Francesa. Apesar das divergências entre Vidal e Ratzel, como os conceitos centrais da Geografia e a utilização da Geografia pela política, ambos tinham a mesma visão no que concerne ao entendimento do papel da cultura, que se interpõe entre o homem e o meio natural (ZANATTA, 2008).

Para Zanatta (2008), as similaridades entre a Geografia Francesa e a Alemã não acabam por aí. Ambas as correntes convergiam ao mesmo ponto ao possuir a paisagem como um dos primeiros temas desenvolvidos na perspectiva cultural. Nessa perspectiva, então,

era privilegiada a análise morfológica da paisagem, sendo a cultura apreendida através da análise das técnicas, dos utensílios e das transformações das paisagens, ou seja, dos aspectos materiais, utilizados pelo homem de forma a modificar o ambiente natural visando a torná-lo mais produtivo (ZANATTA, 2008, p. 5).

Esse tipo de abordagem, porém, não conseguiu dar à cultura o seu devido lugar nas discussões geográficas por possuir uma postura positivista. Nota-se, portanto, o porquê do esquecimento ou da simples recusa de citar as duas primeiras escolas da Geografia como precursoras da abordagem cultural na Geografia, omitindo ou ignorando que essa última é anterior a influência do Humanismo na Geografia.

Dessa forma, entende-se que, na década de 1970, o que ocorre não é o nascimento da Geografia Cultural, mas, sim, um processo de recuperação da abordagem cultural na Geografia. Houve, pois, uma reviravolta no pensamento geográfico e, conseqüentemente, na sua abordagem cultural, pois

não se tratava mais de estudar a diversidade cultural com base nos seus conteúdos materiais, mas de admitir que a cultura está intimamente ligada ao sistema de representações, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente, ou seja, de admitir que a cultura no seu sentido antropológico mais amplo representa todo o modo de vida de uma sociedade, o que não inclui somente a produção de objetos materiais, mas um sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados expressos nas práticas sociais), um sistema simbólico (mitos e ritos unificadores) e um sistema imaginário, que serve de liame aos dois últimos, constituindo-se no locus da construção da identidade espacial de um grupo (ZANATTA, 2008, p. 6).

Dessa maneira, Zanatta (2008) situa essa mudança no pós-anos 1960, diante da afirmativa que o Positivismo não explicava mais a realidade em frente a diversidade social e cultural assim como das novas estratégias da economia mundial. Só a partir de então que, segunda a autora, o Humanismo e a abordagem cultural da Geografia passam a andar de mãos dadas, devido a recolocação do homem no centro das preocupações dos geógrafos culturais e a conseqüente abertura de novos horizontes para a análise da dimensão geográfica da cultura. Eis aí a Geografia Humanista Cultural. Zanatta (2008) afirma também que o Marxismo e as filosofias do significado também colaboraram com a renovação da abordagem cultural. Com esse novo olhar, ocorrem a reelaboração dos conceitos geográficos, a ressignificação e ampliação dos temas da abordagem cultural, assim como a dinâmica de sua renovação. E a abordagem cultural da Geografia, portanto, ganha a delimitação que possui atualmente.

Além de Zanatta (2008), Claval (2011, 2013) ajuda a pensar nesses movimentos epistemológicos da Geografia. O geógrafo francês postula que se pode apontar, para fins didáticos, três momentos do interesse da Geografia por aspectos culturais: a) do século dezanove

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

até os anos cinquenta do século XX; b) as décadas de 1960 e 1970; c) após a década de 1970 até os dias atuais.

Desse modo, para Claval (2013), os interesses referentes à cultura na Geografia nascem no século XIX. Essa perspectiva, pontua Claval (2013), trouxe à tona aspectos culturais fundamentais, tais como a relação homem/meio, os estudos das relações sociais a partir das instituições e análises de organização regional. Nessa época, havia um domínio positivista ou naturalista e isso tinha um corolário: eram os aspetos materiais da cultura, as técnicas, as paisagens e o gênero de vida o grande foco de preocupação. O domínio epistemológico do Positivismo também propiciou a atitude de ignorar as dimensões subjetivas do homem, tornando as interpretações funcionalistas. Contudo, Claval (2011) enumera, entre os adeptos dessa corrente, autores que pensavam também nos elementos simbólicos da paisagem tais como Eduard Hahn, Pierre Deffontaines e Carl Sauer.

O segundo momento apontado por Claval (2013) se refere àquele que se configura numa tentativa de utilizar os resultados da Nova Geografia para uma sistematização metodológica. O interesse pela abordagem cultural, nesse período, é uma consequência da Nova Geografia. O ponta-pé inicial está na mudança de pensamento sobre o *homo economicus*; começou-se a conceber que o homem, enquanto ator econômico, não tinha um conhecimento claro do mundo, mas criava uma imagem deste. Estava aí o germe para introduzir elementos culturais. O casamento entre a Nova Geografia e o desenvolvimento da abordagem cultural proporcionou outrossim uma retomada das reflexões sobre os gêneros de vida, desta vez essas reflexões se modernizaram com autores como Torsten Hägerstrand e o próprio Paul Claval (CLAVAL, 2011). Esse casamento, também, foi responsável por ditar as produções nos anos 1960, a saber: o papel das distâncias na vida econômica e social.

No terceiro momento, após 1970, os geógrafos teciam críticas à Nova Geografia, por acharem que ela mecaniza demasiadamente o comportamento humano. Foi aqui, segundo Claval (2011), que a Geografia começa a beber de matrizes fenomenológica-existenciais com leituras heideggerianas e/ou dardelianas. Edward Relph e Yi-Fu Tuan são citados por Claval (2011) como os precursores dessa senda, que é denominada de Geografia Humanista.

Holzer (2008), por sua vez, comenta que, para o nascimento da Geografia Humanista, um contexto de transformação estava em vigor no mundo; desde o movimento hippie até a revolta, havia um clima geral de mudanças. Ademais, na década de 1970, o intento da renovação do estatuto da Geografia surge da crítica de jovens geógrafos à uma “geografia operacional”, que apregoava o cientificismo e economicismo e, ao mesmo tempo, negava os valores e subjetividade dos seres humanos. Holzer (2008), assim como Gomes (2010), explica que se procurava, então, uma visão holística da relação do homem com a natureza. Diante desta busca, pontua Holzer (2008), a fenomenologia e o existencialismo são elegidos como suporte filosófico e, com maior ênfase na primeira, pode-se investigar o mundo da experiência humana, posto que tais matrizes filosóficas, segundo os geógrafos a elas alinhados, conseguem abranger a totalidade do ser. Contudo, alerta Holzer (2008), foram as noções fenomenológicas, muito mais que o método de Husserl, que foram introduzidas na Geografia; sendo elas conectadas ao lugar.

É preciso ter em mente, entretanto, que a Geografia Humanista não se baseia somente nas chamadas filosofias do significado. Holzer (2008) elenca autores que utilizam outras bases filosóficas dentro da Geografia Humanista, tais como Leonard Guelke (idealismo), Denis Cosgrove (dialética marxista) e Andrew Sayer (materialismo histórico). Holzer (2008), inclusive, comenta como o ecletismo cresceu dentro

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

desse movimento, indo além daqueles que o iniciaram, a saber: geógrafos culturais e históricos norte-americanos. Assim, na década de 1980, o debate não se resumia mais à matriz filosófica, mas era feito dentro da própria Geografia. Dois movimentos são destacados por Holzer (2008): a) o entrelace do marxismo com conceitos humanistas, delineando o que é comumente chamado de Geografia Cultural Radical; b) a crítica de John Pickles, para quem a Geografia Humanista não abraçou inteiramente a Fenomenologia ao fazer uma “geografia fenomenológica” e não uma “fenomenologia geográfica”, ou seja, ao adaptar conceitos da fenomenologia no seio da Geografia ao invés de assumir o método fenomenológico.

Diante disso, pode-se afirmar que essa Geografia Humanista não se trata de uma separação do que comumente se chama Geografia Cultural. Claval (2013) e Zanatta (2008) a enxergam como um momento da abordagem cultural da Geografia ao passo que Holzer (2008) a pensa como uma distinção da geografia praticada por aqueles que se utilizavam do Positivismo.

O que importa aqui é entender como este modo de fazer Geografia “se interroga como é este mundo e como pode ser descrito” (HOLZER, 2008, p.146) e propõe um estudo mais denso da dimensão cultural das distribuições geográficas ao enfatizar o papel da iniciativa humana. Nessa concepção, o essencial é “entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente, e o sentido dado às suas vidas” (CLAVAL, 2013, p.93).

Assim, a noção de experiência ganha relevo na Geografia e são as experiências geográficas e suas respectivas significações que passam a ser o interesse dos geógrafos alinhados à essa abordagem.

Feitas essas considerações sobre a Geografia Humanista e Cultural, parte-se, efetivamente, para a discussão sobre os entrelaces entre a Ciência Geográfica e a Arte literária.

Para analisar a relação entre a Geografia e a Literatura, é preciso partir de uma premissa: a relação entre a Geografia e Literatura é um diálogo; não, um monólogo. Não se pode conceber uma relação de via única, com um único sujeito. Há de existir uma vontade por parte do geógrafo de reconhecer o outro enquanto outro; uma vontade permanente de recusar uma visão que torna o outro sujeito num objeto. Nesse sentido, tanto o geógrafo quanto a obra literária devem ser enxergados como sujeitos. E entender esta última

como sujeito, como ‘totalidade’, não significa dizer que ele é impermeável para nós, e sim que ele tem uma maneira própria (e isso pode ser verdadeiro para cada romance particular) de produzir sentido, uma coerência de sentido que resiste aos mais sutis esforços do analista para transformá-lo em objeto (BROSSEAU, 2007, p. 90).

E é reconhecendo essa maneira de produzir sentido que o geógrafo deve se relacionar com a obra; é sabendo que a obra vislumbra o sentido da existência, procura a essência do ser, o ontológico. A obra de Literatura, pois, se envereda numa exploração sobre os mais diversos aspectos da existência e nessa busca finda por recorrer ao espaço “e nessa busca também conhecemos algo de novo sobre o espaço e os lugares do homem” (BROSSEAU, 2007, p. 94). Isto é, a preocupação inicial da obra não é nos revelar como é o espaço. Aliás, essa não é (e dificilmente será) sua missão, seu objetivo.

O espaço, ao estar inserido numa literatura, é indubitavelmente antropocêntrico e está presente na obra para nos munir de mais informações de caráter ontológico; contudo, ao descobrir mais sobre o homem, conhece-se, também, sobre o espaço que o circunda. É por isso que Brosseau (2007) chama o geógrafo de “descobridor de descobertas”, pois o seu papel seria fazer descobertas geográficas no

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

contexto de uma descoberta existencial realizada pela obra. Outro ponto interessante que deve ser inserido nessa preocupação inicial é o fato que a Literatura, além de não se preocupar, diretamente, com o espaço, não é a representação literal deste.

Sendo assim, o espaço presente na obra literária não corresponde, exatamente, ao espaço real; o que a obra apresenta é representação do espaço e não sua correspondência literal. Por mais que essa seja a tentativa do autor, ele não conseguirá fazer isso de forma plena. Isso acontece por que a obra literária, por ser uma representação, é uma verdade parcial, uma visão fragmentada da realidade. Ela é, necessariamente, produzida por alguém que possui um ponto de vista, uma cosmovisão. O espaço, portanto, se insere na obra – ou é inserido – de acordo com a ótica e as vivências do autor.

Definido, assim, o ponto de partida de um geógrafo ao analisar uma obra literária através do diálogo, é necessário assumi-lo no decorrer de todo o trabalho. Portanto, apesar do reconhecimento da visão parcial de uma experiência espacial e sua presença na Literatura, a sua valorização está imbuída no processo de construção desse trabalho. Depois de definir um ponto de partida, é vital, pois, traçar caminhos para a efetivação da análise geográfica de uma obra literária. Não se pretende, portanto, criar caminhos nunca antes trilhados; pelo contrário, a ideia é se apoiar naqueles que já se enveredaram por essas trilhas, redescobrimo “o caminho das pedras” ao evitar os erros metodológicos já cometidos. Nesse sentido, urge verificar os encaminhamentos daqueles geógrafos que já fizeram essa trilha e analisaram obras sob uma perspectiva geográfica.

Ao seguir essa trilha, pois, constata-se que a metodologia utilizada pela maioria dos geógrafos brasileiros que se empenharam em estudar a interseção entre a Literatura e a Geografia está calcada

na hermenêutica do texto. Esta última, no contexto da abordagem cultural da Geografia,

foi reconhecida como método eficaz de interpretação, à medida que permite levar em conta os contextos próprios e específicos de cada fenômeno. Para desenvolvê-lo, o geógrafo deve assumir a posição de observador capaz de interpretar o jogo complexo das analogias, valores, representações e identidades que caracterizam a atividade humana exercida espacialmente. Por meio da compreensão, é possível alcançar uma significação, revelar a essência dos fatos que representam experiências vividas (ZANATTA, 2008, p.7).

Isto é, eles fizeram uma escolha acurada de trechos da obra que remetiam as experiências espaciais e uma consequente leitura analítica do texto, enfocando a temática e/ou o conceito que julgaram pertinente.

A trilha escolhida para a efetivação da análise da obra literária de cunho geográfico, assim como o seu ponto de partida, não nos impossibilita de ter as lógicas de produção ou movimentos ideológicos inseridos na Literatura como objetos de estudo, mas nos impulsiona a remeter o homem e os espaços que o rodeiam bem como a relação de afetividade com esses últimos nos estudos geográficos. O lugar, então, ganha espaço nesse tipo de estudo. Necessita-se, pois, discutir acerca dos conceitos de lugar.

O LUGAR: ESPAÇO, EXPERIÊNCIA E AFETO

O conceito de lugar remonta a Grécia Antiga e era compreendido no sentido estrito de localização. Gomes (1995) pontua que, de Aristóteles até Newton, essa concepção restrita permaneceu com pequenas

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

diferenciações. Não obstante, o lugar foi reconfigurado na Geografia Moderna. Nesta nova configuração, o conceito estava, inicialmente, vinculado ao conceito de região e foi utilizado por geógrafos como Vidal de La Blache e Carl Sauer. Essa ênfase veio através de um esforço de recuperação do conceito durante a década de 1970. Os responsáveis por esse esforço foram os estudiosos ligados à Geografia Humanista que, por sua vez, tinha uma base filosófica na Fenomenologia e no Existencialismo. Aqueles fizeram, pois, do conceito de lugar seu conceito-chave.

O primeiro autor que abordou o lugar com enfoque fenomenológico foi um geógrafo canadense, Edward Relph (HOLZER, 2008). Contudo, ele não foi o único. Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, David Seamon, entre outros nomes também seguiram por essa senda (RELPH, 1979). O próprio Relph (2014) comenta sobre essa “defesa” do lugar na Geografia dos anos 1970 e 1980. Como já comentado, a ciência geográfica, numa mera redução a uma dimensão mensurável, estava achatada e excluía “a história, a estética, a poesia e a maneira das conexões como as pessoas têm com regiões, cidades e ambientes naturais” (RELPH, 2014, p. 19). A defesa, então, foi uma alternativa para o chamado achatamento da disciplina. Essa oposição proporcionou uma um apelo à autoridade dos filósofos da ciência. Assim,

uma vez que o lugar é o fenômeno da experiência, era apropriado que ele fosse explicado por meio de uma rigorosa abordagem fenomenológica que havia sido desenvolvida por Husserl e Heidegger (RELPH, 2014, p. 19-20).

Isso proporcionou, segundo Relph (2014) e como já dito anteriormente, uma maior ênfase nos trabalhos acerca do lugar. Contudo, há uma outra razão: Relph elenca as mudanças nas paisagens e a consequente erosão das heterogeneidades de lugares, impulsionada

pelos projetos modernos como mais um motivo para o destaque sobre o lugar. Estes projetos, então, sem se preocupar com tradições e forjando formas triviais e uniformes, proporcionaram a perda da diversidade e de identidade geográfica. O surgimento do interesse do lugar – bem como o interesse na preservação do patrimônio – pode ser entendido como uma resposta a essas perdas supracitadas (RELPH, 2014).

Desse modo, apesar do insurgente interesse pelo lugar, ele ficou restringido aos geógrafos humanistas e alguns estudiosos dos ramos da psicologia ambiental e da arquitetura até a década de 1990. Para Relph (2014), tudo isso foi muito positivo. Entretanto, havia, em sua concepção, dois problemas: a) a constatação das corporações multinacionais de que as identidades dos lugares tinham, a partir de então, valor de mercado e a consequente exploração desse potencial; b) a crítica de geógrafos radicais, como David Harvey e Doreen Massey, aos ideais humanistas de lugar como “locais de nostalgia”, pois eles compreendiam tal concepção como excludente. Não obstante isso, aponta Relph (2013), o lugar continua sendo importantíssimo para a compreensão das relações espaciais e, ultimamente, vem ganhando novas e refinadas interpretações.

Relph (2014), ao tratar sobre o conceito de lugar, postula que uma distinção inicial é primordial:

A distinção entre lugar e lugares é fundamental. Geografia como estudo de lugares se refere à descrição de diferentes partes específicas do mundo; geografia como estudo do lugar baseia-se (e ao mesmo tempo transcende) naquelas observações particulares para esclarecer como os seres humanos se relacionam com o mundo (RELPH, 2012, p.22).

Relph (2014) não elucida, mas fica nítido que a primeira compreensão de Geografia apresentada por ele tem suas raízes em La Blache que

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

propunha a Geografia não como a ciência dos homens, mas como a ciência dos lugares e que trabalhava com uma Geografia Regional: descrição de diferentes lugares. A segunda opção, a geografia enquanto estudo do lugar, é o modelo de ciência abraçado por ele e tantos outros. A Geografia que se debruça a estudar a relação do homem com o mundo e, se essa relação se constitui afetiva: eis a evocação do lugar.

Ademais, Relph (2014) faz algumas explanações sobre o conceito de lugar. Para o autor, o homem, seja como indivíduo ou membro de uma comunidade, se conecta com o mundo por meio de lugares que, por sua vez, possuem uma identidade específica. Assim, “o lugar (em oposição a um lugar) tem em si o conceito de especificidade e abertura, que acontece em virtude da reunião” (RELPH, 2014, p.22). Além disso, o conceito está relacionado com a capacidade de apreciar localidades e apreender a suas qualidades; é o bem-estar num dado espaço.

Ligado ao conceito de lugar, uma noção ganha relevo nos trabalhos de Edward Relph. Trata-se da noção de lugar-sem-lugaridade. Tal noção se refere às ocasiões em que a capacidade de um lugar promover reunião se torna fraca ou inexistente. Para Relph, esse aspecto é importante, pois permite a compreensão do lugar pela ausência e pela presença, se diferenciando assim da noção de “não-lugar” de Marc Augé, pois não se trata de uma simples oposição binária com o lugar. Desse modo, é uma noção mais abrangente, pois lugar-sem-lugaridade não significa a anulação do lugar. Sempre haverá elementos de lugar e aspectos de ausência de lugaridade. O que há, portanto, é uma coexistência. O homem possui, de forma permanente, uma conectividade com o espaço, porque ele vive no espaço e só nele pode realizar sua existência; essa relação, afirma Relph (2014), é sempre inescapável. Quando a conectividade é forte, temos um lugar; no momento que ela passa ser fraca, um lugar-sem-lugaridade.

Além de Relph (2014), outro a se enveredar pelas cirandas das matrizes fenomenológicas na Geografia é o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. Entre as suas contribuições está o desenvolvimento de um conceito evocado pelo filósofo Gaston Bachelard, a saber: topofilia. Este seria, então, “um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente material” (TUAN, 2012, p. 136). Etimologicamente, topofilia significa “o amor por um lugar”. E possui um antônimo: topofobia. Este último seria a “aversão pelos lugares”. O medo e a afeição por uma localidade são, portanto, indissociáveis a uma experiência com ela. Esses sentimentos acabam por delinear uma hierarquização dos lugares.

Dessa forma, Tuan (1983) traça uma relação entre espaço e lugar. Para ele, “o lugar é a segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (TUAN, 1983, p. 3). Assim sendo, o lugar é o espaço transformado a medida que é conhecido e, conseqüentemente, valorizado. O lugar é, pois, o espaço familiarizado. Desse modo, a visão do referido autor de lugar como espaço vivido, fruto de um conjunto de experiências que geram um sentimento, um valor. Conseqüentemente, o lugar não é objetivo, mas resultado da subjetividade daquele que realiza a experiência. Isso acontece por que as percepções desse indivíduo são, igualmente, subjetivas.

O lugar, no entendimento dos geógrafos humanistas, possui estreitas relações com o conceito de espaço, mas essa ligação se estende para outros conceitos, como, por exemplo, a paisagem. Para Meinig (2002), esta última pode ser analisada sob várias perspectivas, incluindo a paisagem como lugar. Para ele, nessa concepção, a paisagem é uma localidade. A paisagem como lugar é entendida, pois,

Como ambiente, que abrange tudo que vivenciamos e que, como consequência, faz com que o observador cultive a sensibilidade

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

para o detalhe, para a textura, a cor, todas as nuances das relações visuais, e mais, porque o ambiente ocupa todos os sentidos, também os sons e odores e um inefável sentido de lugar como algo proveitoso (MEINIG, 2002, p. 44).

Desse modo, Meinig (2002), ao apontar uma estreita relação entre lugar e paisagem, categoriza essa última dentro de uma concepção fenomenológica, calcada nos sentidos e na experiência. A paisagem, então, evocaria o lugar; a visão e os demais sentidos auxiliam na construção e/ou apreensão um lugar, isto é, os sentidos mediarão a relação de afetividade entre o espaço e aquele que o experiencia. Ainda se alinhando a essa abordagem calcada nos sentidos, Claval (2010), por sua vez, chama a atenção para o habitar. Para ele, “viver é estar em contato com o meio ambiente em todos os sentidos: com a visão, a audição, o olfato, o tato” (CLAVAL, 2010, p. 39). Os homens são sensíveis ao espaço e estes nunca são neutros, pois os homens têm nele um domicílio, uma casa; fazem dele uma morada.

Seguindo esse raciocínio, Claval (2010) trata, brevemente, da casa, associando-a sempre a relações afetivas. Primeiramente, reforçando uma concepção fenomenológica, ele comenta que

É aí [na casa] que, quando bebê, ele [o homem] descobre o seio e o braço de sua mãe, começa a explorar o mundo ao tateá-lo, ao tocá-lo, ao cheirá-lo, ao pô-lo na boca, ao percorrê-lo de quatro, e depois de pé. Ele aprendeu ali o que é ser amado, cercado de carinho e de cuidados (CLAVAL, 2010, p. 40).

A casa é, portanto, o lugar onde se descobre, através dos sentidos, a relação com o mundo e, conseqüentemente, com os sentimentos. A casa – pode-se dizer – é a escola do afeto. Em segundo lugar, o geógrafo francês lembra que a casa também é lócus de refúgio, de descanso: “ali se goza de um conforto apreciável, se está abrigado da

chuva, do calor ou do frio” (CLAVAL, 2010, p. 40). A casa, assim, tem um caráter especial: é um invólucro do mundo. Portanto, tudo no espaço extra-casa é perigo e causa de horror. Fora da casa, tudo é arriscado. É sempre uma experiência topofóbica, ameaçadora.

Desse modo, a “casa é o lugar por excelência, assim como a terra natal sempre continua em nós, servindo de constituição básica de nossa existência e da própria auto-identidade” (MARANDOLA JR., 2006, p. 6). Não obstante a diversidade de lugares que podem ser o invólucro do homem na experiência terrestre, a casa é o maior lugar promotor de proteção, pois é o ambiente onde há mais confiança, onde a segurança aparece com mais vigor. É para o homem o que o ninho é para as aves; é lá onde se está menos vulnerável. De fato, a casa é essa “infinidade aconchegante de um refúgio” (MELLO, 2014, p. 38).

Entretanto, para Claval (2010), habitar não implica somente em ter uma casa, um lar. Habitar, pontua o autor, não significa simplesmente dispor de um lugar onde se resguardar da sociedade. É também encontrar pessoas, levar uma vida social; é, ainda, estar amalgamado com um grupo. As práticas sociais, os costumes também auxiliam na construção do habitar.

A noção de habitar, na realidade, não surgiu com Claval (2010), mas foi introduzida pelo filósofo alemão Martin Heidegger. Buttimer (1982) comenta como o termo habitar (*dwelling*²) deve ser caro aos geógrafos de horizonte humanístico, posto que, enquanto noção fenomenológica, pode lançar luzes nas complexas relações ente o homem e a terra, nova fonte de preocupação dos geógrafos. Buttimer

² Segundo Buttimer (1982), o termo *dwelling* também pode ser traduzido por “habitar” e significa viver harmonicamente, sentir-se em casa tanto social, ecológica e espiritualmente.

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

(1982), aliás, faz mais do que isso e explica, em consonância com Claval (2010), que

Habitar implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construir um lar que é símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa (BUTTIMER, 1982, p. 166).

Assim, reforça-se a ideia de habitar que extrapola a mera moradia e que diz respeito a uma forma de estar no mundo e, mais do que isso, se relacionar com ele. Noção parecida com a de Relph (2014), para quem habitar, “estar na terra significa morar, relacionar-se com o lugar por meio da existência” (RELPH, 2012, p 30).

Para Heidegger, explica Marandola Jr. (2006), existem várias relações na noção de habitar. No entendimento heideggeriano³, como já exposto pelos geógrafos supracitados, o habitar vai além do simples ato de residir, morar. O filósofo postula que estão nas ligações com o construir a verdadeira essência do habitar. De fato,

Heidegger comenta pelo menos quatro sentidos básicos que compõe o habitar: (1) construir é propriamente um habitar; (2) habitar é o modo como os mortais são e estão sobre a terra; (3) de-morar-se; e (4) resguardar (MARANDOLA JR., 2006, p.9).

Não obstante essas várias maneiras, a mais importante, elucida Marandola Jr. (2006) diz respeito ao modo como os mortais são e estão sobre a terra. Assim, o habitar é um modo próprio do homem ser e estar no mundo. Habitar, então, tem sua essência relacionada

³ Martin Heidegger expõe essa concepção na conferência Construir, Habitar e Pensar (*Bauen, Wohnen, Denken*) pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”.

a um modo ontológico-existencial, diferindo-se da simples habitação (do morar). Aliás, essa é a mais evocada pelos geógrafos, pois auxilia demasiadamente no entendimento da relação entre o homem e a Terra.

Postas essas considerações sobre o lugar e seus conceitos satélites, parte-se agora, efetivamente, para a análise da obra “O hobbit”, sempre buscando traçar paralelos entre o que foi aqui abordado e as relações de lugar presentes nos trechos da obra referentes a toca hobbit.

A TOCA HOBBIT: O LUGAR POR EXCELÊNCIA

“Numa toca no chão vivia um hobbit”: é assim que J. R. R Tolkien inicia o livro aqui investigado: localizando o seu personagem. Para Tolkien, a localização é de suma importância nas suas estórias e não é de se estranhar esse começo. Aliás, essa espacialização não é uma mera localização; é, antes de tudo, uma forma de indicar o lugar do hobbit, representação do lugar de Tolkien. Nesse sentido, podemos constatar que

Numa toca no chão vivia um hobbit. Não uma toca desagradável, suja e úmida, cheia de restos de minhocas e com cheiro de lodo; tampouco uma toca vazia e arenosa, sem nada em que sentar ou comer: era uma toca de um hobbit, e isso quer dizer conforto (TOLKIEN, 2009, p. 1).

O referido autor traça, pois, o esboço de um espaço que manifesta uma sensação agradável; a primeira característica conferida à toca não é uma simples localização geográfica, com indicação de uma suposta região no qual ela se encontra ou de um ponto de referência. A primeira característica conferida à toca hobbit (Figura 01) é, pois,

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francvionison Custodio do Nascimento

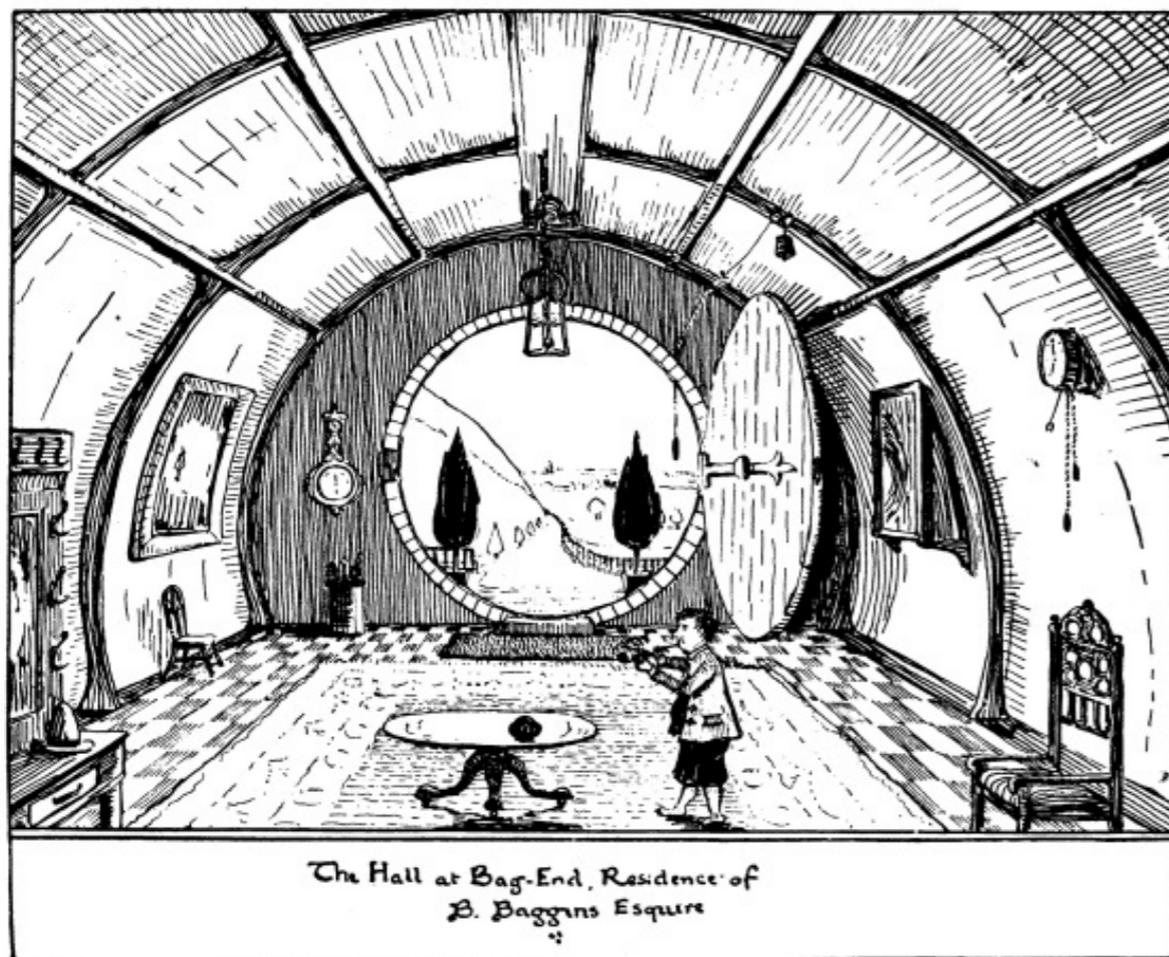


Figura 01: A toca hobbit
Fonte: Tolkien (2009).

não ser desagradável, porque a toca é lugar da comodidade do hobbit. Ela, assim, possuía móveis (não era vazia e sem nada para sentar), tinha um bom odor e era limpa. Pode-se qualificá-la, portanto, como o lugar por excelência para o hobbit, pois o lugar se confunde com a segurança e com o bem-estar; e, dessa forma, Tolkien nos apresenta a toca hobbit: agradável.

Essa apresentação pode ser entendida a luz da noção de lugar de Tuan (1983). Para este, o lugar se diferencia do espaço; enquanto o segundo é liberdade, o primeiro é segurança. Tolkien, ainda, reafirma esse pensamento

ao apresentar a toca pormenorizadamente e a categorizar como “[...] um túnel muito confortável, sem fumaça [...]” (TOLKIEN, 2009, p. 1).

Pode-se, ainda, traçar outros paralelos entre as ideias sobre o lugar – e os conceitos aos quais este último está ligado – e a toca hobbit de Tolkien. Pode-se, pois, verificar que a toca, como era de se esperar, se comporta como a casa. E não se trata de qualquer casa, de uma mera habitação; a casa, ou seja, a toca hobbit é entendida, aqui, no seu sentido bachelardiano:

a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz freqüentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela (BACHELARD, 1984, p. 200).

Nesse sentido, para o hobbit, a toca não era apenas um lugar agradável; era, pois, o seu lugar agradável, um espaço só dele, o seu cosmo. A visão de casa bachelardiana, transcendendo essa noção de pertencimento ou posse, reforça a ideia de Tuan (1983) de conforto e proteção. A toca hobbit, portanto, é apresentada com essas características afetivas. Tolkien (2009) enceta seu livro nos dando essa certeza: a toca é um ambiente caro ao hobbit; veremos mais à frente como esse dado é crucial para o desenrolar da obra e, conseqüentemente, para a sua análise.

Depois dessa “localização” afetiva, o autor em análise insere uma outra localização. Essa também não se resume a um caráter meramente informacional: Bilbo Bolseiro, o hobbit, reside na toca hobbit que, por sua vez, se encontra no Condado e, mais precisamente, na Colina - onde seus parentes viviam

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

“desde os tempos imemoriais” (TOLKIEN, 2009, p.2). Desse modo, apesar de revelar a região na qual a toca está situada, Tolkien insere um outro dado importante para a nossa análise, sobre o lugar, um dado temporal. O autor, por nos informar que a família de Bilbo – os Bolseiros – sempre viveu naquela região e na mesma casa, nos afirma, não diretamente, que a experiência de Bilbo naquele espaço é de duração longa.

Dessa forma, a experiência espacial de Bilbo com a toca hobbit não é recente e pode explicar, conforme o pensamento de Tuan (1983), o porquê da afetividade manifestada na obra. O fator tempo, como já exposto, é vital para conceito de lugar de Tuan (1983). Primeiramente, porque o lugar é entendido como pausa na dinamicidade e, em segundo lugar, porque é através dos tempos (dias e anos) que se faz experiências com espaço e cria afetividades, delineando o lugar.

Além dessas informações, Tolkien nos mune com outra a respeito da casa, a toca hobbit. Ela é, também, palco de suas práticas: “[...] Bilbo Bolseiro estava parado a sua porta depois do desjejum, fumando um enorme cachimbo de madeira [...]” (TOLKIEN, 2009, p.3).

Vê-se, portanto, no texto que as práticas sociais do indivíduo auxiliam na formação do lugar. O fato de Bilbo Bolseiro, comumente, fumar depois do desjejum auxilia na sua construção afetiva para com o espaço. Na obra, lugar se manifesta, também, nas práticas sociais. Em outros momentos do livro, essa ideia estará presente. Existe, ainda, outro aspecto a se frisar nesse ponto: fumar cachimbo é um dos hábitos de Tolkien. Encontra-se aqui, portanto, a ideia que transpassa toda essa análise: a história do Professor Tolkien, de fato, se cruza com a história da Terra-Média ou, como o próprio Tolkien, de uma forma mais poética, explica:

O teatro de minha história é este mundo, aquele no qual agora vivemos, mas o período histórico é imaginário. Os princípios

básicos desse local de moradia estão todos lá (para os habitantes do noroeste da Europa, de qualquer forma), de modo que naturalmente parece familiar, ainda que um pouco glorificado pelo encantamento da distância no tempo (CARPENTER, 2006, p. 229).

Ou seja, além da “familiaridade espacial”, há outra familiaridade, inerente a esta última, manifestada na obra, os costumes comuns em relação àquela região da Europa. Ao dizerem a respeito do noroeste europeu (Tolkien e seus conterrâneos), estes costumes falam sobre o hobbit e a Terra-Média, desenevoando uma ideia de lugar calcada nas práticas sociais de determinada localidade bem como de representação espacial.

A toca hobbit não é apenas o lócus da afetividade no momento em que o personagem se encontra em seu interior ou em suas proximidades. Afinal, “[...] o lugar acompanha sempre o homem” (OLIVEIRA, 2014, p.3). Ainda que distante, o hobbit nutre uma relação de pertencimento para com a toca hobbit. Durante toda a jornada de Bilbo, a sua toca hobbit é evocada. Nestas evocações, ela é fonte de saudade, como elucida a passagem a seguir:

Estava muito, muito escuro, uma escuridão em que apenas os orcs acostumados a viver no coração das montanhas conseguem enxergar. Os corredores se cruzavam e emaranhavam em todas as direções, mas os orcs sabiam os caminhos. [...] e o ar estava terrivelmente abafado. Os orcs eram muito rudes, e beliscavam sem dó, riam e gargalhavam com suas vozes horríveis e cruéis, **Bilbo estava ainda mais infeliz [...]. Mais uma vez desejou muito estar em sua toca de hobbit. Não pela última vez.** (TOLKIEN, 2009, p. 61, grifos no original).

Conscientemente, Bilbo, diante do desagradável espaço no qual se encontra, deseja o conforto de sua toca hobbit e anseia por estar

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

no lócus de sua segurança no já distante Condado. A nostalgia, pois, surge na mente de Bilbo.

Além do último trecho, um outro pode auxiliar na compreensão das relações topofóbicas de Bilbo e a toca hobbit: “[...] as tocas deles [hobbits] são lugares alegres e adequadamente arejados, bem diferentes dos túneis dos orcs” (TOLKIEN, 2009, p. 71). Constata-se, mais visivelmente nesse ponto, a oposição entre a toca hobbit e os escuros túneis dos orcs. Ademais, a ideia da agradabilidade da toca hobbit, novamente, surge e reforça a discrepância entre os referidos espaços, forjando as relações topofóbicas e topofílicas. Essas últimas referentes à toca hobbit e aquelas aos túneis dos orcs.

Mais um trecho colabora para essa ideia de nostalgia e a consequente relação de lugar. Mesmo envolvido em afazeres, o personagem não estava pensando muito no trabalho, mas sim “no que estava além da distância azul, a pacífica Terra Ocidental e a Colina, com sua toca hobbit embaixo” (TOLKIEN, 2009, p. 204). Nota-se, portanto, a recorrente presença da lembrança da sua toca, o seu lugar por excelência.

Noutro caso, Bilbo se utiliza da dimensão relacional e identitária do lugar para manifestar o desejo de regressar para a sua toca hobbit: “Gostaria de voltar para o oeste, para minha própria casa, onde as pessoas são sensatas” (TOLKIEN, 2009, p. 262). Neste ponto, a concepção de lugar de Tuan (1983), a de espaço familiarizado, ganha relevo na obra, pois, nessa última, é a relação de Bilbo com seus pares, a convivência com os demais habitantes de sua terra natal que valoriza a relação com o espaço, delineando a ideia de lugar.

Claval (2010) possui essa mesma visão. Para ele, o indivíduo, quando mantém relações afetivas com um determinado espaço, finda por se tornar um com os lugares que frequenta constantemente e com as pessoas que lá encontra. É devido a isso que o habitar “não significa apenas dispor de um lugar onde se resguardar da sociedade e onde

viver sozinho ou em família. É também encontrar pessoas, levar uma vida social” (CLAVALL, 2010, p. 41).

Não são apenas os espaços em que existe a presença de relações topofóbicas que o hobbit manifesta a saudade pela sua toca. Ainda em cenários distintos dos espaços preteridos pelo hobbit, ela vem à mente de seu dono. Valfenda, apesar de seu caráter bucólico e ser palco de boas relações do hobbit, não era o lugar por excelência de Bilbo como era, efetivamente, a toca na Colina do Condado. De fato, Tolkien elucida isso ao inserir, novamente, a saudade do hobbit pela sua toca: “Mas agora, mesmo aquele lugar não poderia detê-lo por muito tempo e ele sempre pensava em casa” (TOLKIEN, 2009, p. 292). Dessa vez, a saudade estava próxima do fim.

Ao sair de Valfenda e ir em direção a sua toca hobbit, Bilbo é surpreendido pela chuva. Ao sentir as gotículas de águas no rosto, Bilbo declara: “demos as costas às lendas e estamos voltando para casa. Acho que esta é o primeiro gostinho dela” (TOLKIEN, 2009, p. 292). Aqui, manifesta-se, mais uma vez, a noção de lugar de Tuan (1983), na qual os sentidos são de vital importância na edificação da afetividade para com o espaço. A toca hobbit, pois, tinha um “gostinho”, um sabor. Ainda que seja uma linguagem metafórica, é perceptível que a relação afetiva de Bilbo com a sua casa é mediatizada pelos sentidos, a ponto desse lugar ter um gosto. Foi esta última manifestação de nostalgia de sua casa.

O primeiro gostinho de casa não era, contudo, todo o seu sabor e o hobbit ainda não tinha chegado ao seu lar. Mas as proximidades dele já fazia o sentimento de alegria emergir no coração de Bilbo: “Mas a terra estava verde e havia muita grama pela qual o hobbit caminhava alegremente” (TOLKIEN, 2009, p. 293). Por fim, Bilbo chega a sua terra natal, ao seu lar. E assim Tolkien narra essa chegada:

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

Como todas as coisas chegam a um fim, até mesmo esta história, houve um dia em que finalmente **avistaram a terra onde Bilbo nascera e fora criado, onde os contornos da paisagem e das árvores eram-lhe tão familiares quanto suas mãos e dedos dos pés** (TOLKIEN, 2009, p. 293, grifos acrescentados).

Esse trecho, pois, elucida elementos importantes para o entendimento da afetividade de Bilbo para com aquele espaço e, portanto, para a noção de lugar. Bilbo conhece tão bem a casa e seus arredores que eles chegam a ser comparados a partes do corpo do hobbit. A relação afetiva entre ambos é tão estreita que Bilbo se sente como a toca hobbit fosse parte dele; sem a sua casa, Bilbo não é o mesmo. E tudo isso porque Bilbo conhece o seu lugar; as proximidades de sua toca é um espaço íntimo para o hobbit, é tão familiar “quanto suas mãos e dedos dos pés”. Tamanha é a comunhão entre Bilbo e sua casa que ambos são um só corpo e – por que não? – um só coração. A toca hobbit é onde Bilbo habita; não é simplesmente seu local de moradia, mas, sobretudo, onde ele realiza sua existência de forma plena.

Depois dessas manifestações de afeto pela toca hobbit, como todas as coisas, a história teve um fim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oliveira (2014) parece se referir à toca hobbit quando, no seu artigo O sentido do lugar, assevera que “sempre há um lugar para se chegar ou se partir. E sempre há necessidade de se saber o sentido que se atribui a esse lugar” (OLIVEIRA, 2014, p.3). De fato a toca hobbit é, como vimos, esse lugar para Bilbo. É tanto o lugar de onde se parte como o local de chegada. É o lugar por excelência. E isso tem um sentido. Descobrir esse sentido foi o intento desse trabalho.

Entendendo, pois, o lugar como um espaço revestido de afetividade através da experiência, elaborou-se as análises da obra “O hobbit”, enfatizando a toca hobbit. Nelas, de fato, foram elucidadas as relações de lugar existentes e explicou-se a ordem espacial imbuída de sentimentos contida na obra e pode-se, por fim, compreender o sentido do lugar.

Concluiu-se que o sentido da toca hobbit no livro aqui analisado está amparado na noção de casa que transcendia a simples moradia, a mera habitação. Desde o amor do personagem principal, o hobbit Bilbo, por estar na sua toca hobbit, perpetuando as práticas culturais do povo, passando pela nostalgia diante da distância da casa e sua consequente insegurança devido à ausência do seu invólucro do mundo, até a alegria da recontemplação das suas terras e de sua casa após experiências topofóbicas numa viagem para pontos nunca antes vistos, mostrando como a toca hobbit é o lugar por excelência e o lócus da realização ontológica-existencial, do habitar pleno.

Esse sentido pode ser elucidado se valendo de um axioma do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry que, em seu livro “Terra dos homens”, explica, de forma magistral, o sentido das relações afetivas com a casa. Eis a sua explicação:

Ah, o que uma casa tem de maravilhoso não é o fato de abrigar-nos, de aquecer-nos, de sermos proprietários das paredes dela – mas, antes, o de que ela tenha depositado em nós, lentamente, essas provisões de doçura (SAINT-EXUPÉRY, 1970, p. 52).

Essa explicação é válida também para a toca hobbit. Não é o fato da toca hobbit ser propriedade de Bilbo que a tornava especial, querida. Não é tampouco a sua materialidade ou seus objetos. Os fatores primordiais são as provisões de ternura; as relações afetivas fundadas na experiência, no tempo e nas relações sociais e de identidade. ○

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A Filosofia do Não; O Novo Espírito Científico; A Poética do Espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; Traduções de Joaquim José Moura Ramos... (et. al.). 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BERDOULAY, Vincent. Espaço e cultura. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da C.; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p.101-131.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p.17-77.
- CARPENTER, Humphrey. **As Cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra, 2006.
- CLAVAL, Paul. **Terra dos homens: a Geografia**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CLAVAL, Paul. Geografia Cultural: um balanço. **Geografia**, Londrina, v.20, n.3, p.05-24, set/dez. 2011.
- CLAVAL, Paul. “A virada cultural” em Geografia. In: ALMEIDA, Maria G.; ARRAIS, Tadeu A. (Orgs.). **É geografia, é Paul Claval**. Goiânia: FUNAPE, 2013. p.92-105.
- GOMES, Paulo C. da C. A região e o lugar: novos significados na análise geográfica. In: BICALHO, A. M. S. M.; DINIZ, M. S. (Orgs.). **A geografia a as transformações globais: conceitos e temas para o ensino**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. p. 23-30.
- GOMES, Paulo C. da C. Geografia fin-de-siècle: o discurso sobre a ordem do mundo e o fim das ilusões. In: GOMES, Paulo C. da C.; CASTRO, Iná E. de; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p.13-43.
- GOMES, Paulo C. da C. **Geografia e Modernidade**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, Edição Comemorativa, p.137-147, 2008.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano. In: **III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade**, 2006, Brasília. Anais. Campinas: ANPPAS, 2006.
- McDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D.; MARTIN, Ron; SMITH, Graham. (Orgs.) **Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.159-188.
- MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.13, p.35-46, 2002.
- MELLO, J. B. F. de. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p.33-68.
- OLIVEIRA, Lívia de. O sentido do lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p.3-16.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **Terra dos homens**. Trad. Rubem Braga. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- TOLKIEN, J. R. R. **Sobre histórias de fadas**. Trad. Ronald Eduard Kyrmse. São Paulo: Conrad Livros, 2006.
- TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em “O hobbit” de J. R. R. Tolkien
Francyjonison Custodio do Nascimento

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 2012.

ZANATTA, Beatriz A. A abordagem cultural da Geografia. **Temporis[ação]**, Goiás, v.1, p.249-262, 2008.

Submetido em Abril de 2015.
Revisado em Setembro de 2016.
Aceito em Novembro de 2016.